

DANÇA E MASCULINIDADES CONTRA-HEGEMÔNICAS: CORPOS MADUROS E SUAS TRAJETÓRIAS

LUCAS BEZERRA FURTADO¹; VICTOR MARTINS FRANÇA²; DANIELA LLOPART CASTRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – lucasbfurtado.lb@gmail.com

²Universidade do Estado de Santa Catarina – victorfranca468@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – danielallopcastro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo procura apresentar o andamento de um dos eixos da pesquisa desenvolvida no projeto *TURNO 2: pesquisa e criação artística* em/sobre corpos envelhecidos na dança. O projeto, com ênfase na pesquisa, tem como principal objetivo promover estudos avançados sobre a dança em corpos maduros, com média de idade entre 40 e 60 anos, utilizando como base a contemporaneidade na dança em atravessamentos com outras possibilidades cênicas e coreográficas.

Aqui, coloca-se em destaque uma atenção direcionada aos corpos masculinos maduros e às dissidências que estabelecem com o modelo vigente, a começar pela reflexão de noções de gênero na dança clássica, tendo como foco o masculino na dança. Parte-se da ideia de que a masculinidade é uma construção social que inclui papéis e expectativas que a sociedade tem, com(o) comportamentos, pensamentos e características que acompanham o sexo atribuído a uma pessoa. Entende-se que o “gênero atravessa e constrói todas as instituições, todo modo de pensar e todas as práticas culturais e sociais.” (Meyer, 2003). As discussões centram-se em como os homens da Cia. *TURNO 2* surgem na dança numa cultura que é hegemonicamente tangida por uma prática não-masculina e como organizam meios para a criação artística e preservação da identidade masculina.

São tecidos comentários acerca da história que envolve o afastamento dos homens em relação à dança – principalmente na modalidade clássica (Lara; Jaime, 2019), conceitua-se a metodologia de pesquisa guiada pela prática através da obra de Haseman (2015), e debate-se gênero e sexualidade com base em Colling (2019).

Como escopo nas discussões sobre envelhecimento e maturidade, fundamenta-se este trabalho, também nos escritos de Suzane Weber da Silva¹, e de alguns artigos publicados por Daniela Llopert Castro¹ e suas colaboradoras, buscando contextualizar a análise da trajetória de 4 homens maduros da Companhia Turno 2.

2. METODOLOGIA

O projeto *TURNO 2: pesquisa e criação artística* é orientado pela metodologia de pesquisa guiada pela prática, que de acordo com Haseman (2015, p.44) é empírica e abarca o pensamento de que a prática é considerada pesquisa performativa. Desta maneira, será apresentado o trabalho do grupo, que conduz a escrita e sua referenciação.

¹ Pesquisadora da área de intersecção entre dança e maturidade

Sendo assim, o grupo possui três vertentes de trabalho: a) uma de estudos bibliográficos que fundamentam academicamente a percepção e condução da prática; b) a Companhia Turno 2, coletivo de criação artística composto por docentes, discentes, técnicos administrativos e comunidade externa e c) turma de aulas práticas de Dança Contemporânea, que atende aos membros da Companhia e àqueles(as) interessados em retomar a prática da dança, que tenham 40 anos ou mais, com experiência de, no mínimo, 4 anos em qualquer modalidade.

Como foco desta escrita, optou-se por avaliar a trajetória de inserção da parcela masculina que respondeu ao questionário idealizado pela discente Natalia Camargo durante a escrita de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O instrumento foi devidamente validado por uma banca de doutores e doutoras da área, e para a sua utilização, foi solicitada autorização para a pesquisadora.

A seleção das perguntas a serem avaliadas se deu pelo critério de adesão à escrita deste resumo. Os autores optaram por guiar a escrita através das questões: “Como a dança entrou na sua vida?” e “Por que você ainda continua dançando nos dias de hoje?”, interpretando estes dados a partir dos referenciais teóricos já expostos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o levantamento das respostas obtidas no formulário/questionário proposto pela discente-pesquisadora Natalia Camargo para a escrita de seu TCC (*Corpos maduros em cena: analisando os processos de criação coreográfica no projeto de pesquisa Turno 2*), fez-se uma filtragem das respostas masculinas, que totalizaram quatro.

Avaliando-as, pode-se notar que dentre os participantes da Companhia, houve uma forte influência familiar (em 75% do grupo) no que diz respeito ao acesso e entrada na dança. Metade deles, diretamente com o Ballet Clássico, enquanto que os outros dois dividem-se em Jazz e Dança Contemporânea.

No que tange à permanência dos participantes, há um denominador comum entre todos, que é o juízo de gosto e a expressão artística. Lara e Jaime (2019) apontam a transformação que ocorreu acerca da percepção do corpo masculino na dança a partir da Revolução Industrial, indicando a consolidação de uma visão laboral do homem, que deveria servir ao sistema de produção e não “desviar” de sua função.

Como meio de expressão, a dança para homens passou a ser considerada imprópria para corpos que não deveriam se pretender expressivos e/ou delicados. Desta forma, as autoras remontam a origem da associação do gênero e da orientação sexual de dançarinos, que ao praticar sua arte, mostravam-se ‘frouxos’, ou à beira da frouxidão. Dentro desta prática social que é a dança, é inevitavelmente constituída por representações de gênero e sexualidade, é possível analisar os jogos de poder envolvidos e questionar o quanto essa prática é tecida por discursos machistas, homofóbicos e heteronormativos.

Leandro Colling (2019) explicita a articulação imprescindível entre gênero e sexualidade em seu livro “Artivismos das dissidências sexuais e de gênero”, corroborando que ambas as temáticas estão imbricadas, e só podem ser compreendidas dentro de uma lógica que não as separe. Em outras palavras, seria raso debater gênero sem atravessar sexualidade.

Este é um indicativo para as próximas escritas relacionadas a este eixo da pesquisa realizada no projeto *TURNO 2: pesquisa e criação artística*. Mas, para além deste recorte, avalia-se ainda a delimitação etária dos dançarinos.

Investigar o caminho desses corpos envelhecidos é também resistir ao modelo corporal vigente e esperado para a dança, que de acordo com Suzane Weber da Silva (2008) é pautado em características como rigor – tônus – e força corporal, o que pode estar comprometido (ou não) em corpos maduros. A autora também alerta para uma incongruência entre a quantidade de modalidades/estilos/categorias de dança e a unicidade do padrão corporal para dançarinos.

Além de resistência, pretende-se com o projeto, a Companhia e os serviços dos mesmos, reavaliar a estética da dança na contemporaneidade para questionar e talvez interferir nos processos de recepção cênica, abarcando a diversidade/pluralidade de corpos que dançam.

4. CONCLUSÕES

No entendimento entre questões de gênero e sexualidade na dança, e a relação desses bailarinos com colaboração e criação coreográfica na Companhia TURNO 2, pode-se pensar na força destas masculinidades maduras no estímulo de reconstruir uma dança sem estigmas de gênero.

Compreender os atravessamentos de cada indivíduo presente na Companhia Turno 2 é de extrema relevância para os pesquisadores do projeto de pesquisa, pelo impacto que geram na criação artística, visto que cada vez mais as composições coreográficas do grupo se subjetivam e buscam comportar as trajetórias pessoais dos dançarinos.

Uma questão que surgiu ao longo da escrita desta comunicação está associada à influência que o período de repressão causado pela instauração do regime ditatorial no Brasil em 1964 – que só se encerrou em 1985 e foi vivenciado pelos dançarinos – tem sobre estes corpos e sobre a adesão (ou não) deles à dança. Este será também um caminho para as próximas entrevistas, questionários e escritas.

A busca pelo desenvolvimento de uma poética diferente na dança, procurando valorizar o potencial existente nesses corpos maduros, e efetivando a manutenção da masculinidade sem estereótipos de gênero, sobressai-se como um dos principais focos da pesquisa além do intuito de (re)descobrir o corpo masculino dançante através de um diálogo impulsionado pelo “ser masculino na dança”. A discussão do grupo sobre como esses corpos foram atravessados pela dança fizeram toda a diferença para pensar numa maneira de se dançar e contribuir para a composição coreográfica.

Por fim, reaponta-se que o projeto continua na busca por compreender e ampliar o entendimento sobre os participantes, a fim de desenvolver um trabalho mais consistente. É através da produção do trabalho teórico e prático, com novas perspectivas na dança por corpos amadurecidos, fazendo um recorte para os integrantes masculinos que compõem o grupo, que se faz a contribuição para se pensar novos estudos no campo da dança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLING, Leandro. A emergência e algumas características da cena ativista das dissidências sexuais e de gênero no Brasil da atualidade. In: COLLING, Leandro (Org.). **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2019.

LARA, T; JAYME, J. Quando dançam os homens: a questão das masculinidades em estudos sobre dança, gênero e sexualidade. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, Córdoba, nº. 28, Año 10, p. 76-87, dez./mar. 2018-2019.

MEYER, Dagmar. Gênero, Sexualidade e Educação: teoria política. In: Louro, G. L., NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

SILVA, S. Zonas de Inércia na Dança Contemporânea. In: Congresso ABRACE, V, 2008, Belo Horizonte - MG. **Anais do V Congresso ABRACE**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 1-4. Disponível em: <https://www.portabrace.org/vcongresso/textos/pesquisadanca/Suzane%20Weber%20da%20Silva%20-%20Zonas%20de%20inercia%20da%20danca%20contemporanea.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.